

## ESPIRITUALIDADE E INSERÇÃO NA FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ

*Mauro Passos\**

*Não devemos ser apressador com os mitos;  
É melhor deixar que eles se depositem na memória,  
examinar pacientemente cada detalhe,  
meditar sobre seu significado  
sem nunca sair de sua linguagem imagística.  
(Ítalo Calvino)*

O Círio de Nazaré é um evento que conjuga um complexo ritual, celebrações e fenômenos sociais, em Belém do Pará. Tem um significado singular na vida do povo paraense, marcando seu tempo, sua cultura e sua tradição. Em setembro de 2004, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) consagrou esse evento como Patrimônio da Cultura Nacional, considerando sua importância nacional e regional. Fé, alegria, sentimento, emoção, confraternização envolvem a Festa de Nazaré. Por mais de dois séculos, desde sua oficialização em 08 de setembro de 1793, tem sido considerada a maior festa religiosa do país. Segundo Isidoro Alves, o complexo sócio religioso que envolve esta festa permite uma leitura da sociedade e cultura brasileira. Um turbilhão de fé arrasta quase dois milhões de pessoas pelas ruas de Belém, no segundo domingo de outubro. É o momento em que as procissões, romarias, celebrações, das mais simples, feitas de casa em casa, até o grande dia, são marcadas por solidariedade, união, vigor, alegria e sacrifício. O Círio é a partilha de uma devoção forte, tendo como ator central o povo. O povo entra em cena com seus enlacs e o Pará se torna o “Pará de todas as Marias”.

Altars repletos de flores enfeitam as casas. O cantinho torna-se sagrado: “A Virgem de Nazaré é a dona da casa nestes dias. Sou sua empregada e cuido das flores, das velas e da limpeza”, segundo Da. Ana. Tradição que vem de várias gerações, pois ela aprendeu a cuidar do altar com sua avó. Ao seu lado, está a neta, futura responsável pelo pequeno santuário doméstico. Rezar e deixar a casa mais bonita, afinal o altar é um elo entre os familiares, vizinhos e amigos que veem de longe. Lugar de estreitar os laços, inclusive com a Virgem de Nazaré. As pessoas foram-se apropriando da festa. De acordo com Isidoro Alves:

A descrição que o historiador Artur Viana faz do primeiro Círio de Belém em 8 de setembro de 1793 e sua interpretação das *Festas Populares do Pará (1904)* é significativa tanto da estrutura do ritual como das transformações em sua performance. [...] Há, ao longo de sua história, uma espécie de “apropriação popular” de uma festa que foi inicialmente oficializada para sacralizar o poder da Província. (Alves, 316-317).

Em muitos lugares, há o costume de realizar uma peregrinação com a imagem. Ela passa um dia em cada casa, onde são feitas orações na chegada e na saída. Como boa Dona de Casa, a Virgem de Nazaré serve alguma coisa de comer para os visitantes. Isso acontece depois que terminam as orações. O clima religioso tem marcas de partilha e fraternidade. Mesmo sendo um tempo breve, reina a amizade e não falta tempo para conversar, contar e ouvir histórias. A religiosidade se exprime também com cortesia, amor e afeto. O momento ritual é um espaço comunitário, onde subsiste um clima diferente do cotidiano, o clima emocional configura o espaço e as atitudes. Do ponto de vista teórico-metodológico, usei os procedimentos da história oral, através de depoimentos. Utilizei na pesquisa de campo conhecimentos sobre questões relativas à memória. Como sabemos, a memória é a base que sustenta e mantém a dinâmica da história. Sem a oralidade e a memória, muitos elementos da cultura popular e das tradições religiosas teriam desaparecido. Considerarei neste estudo alguns aspectos religiosos e festivos, a partir de depoimentos orais do Círio de Nazaré em 2009, quando entrevistei várias pessoas no cortejo da procissão, na rua, em casas de família e na hora da refeição.

## **Das origens – tempo de fé no coração humilde**

De raiz portuguesa, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré tem sua origem com Plácido José de Souza. Cercada de ternura e mistérios, história e lenda se confundem. Tendo encontrado a imagem, esse caboclo a leva para sua casa. Surpresa é o fato de no outro dia não encontrá-la, pois estava no mesmo local de origem. Vários historiadores relatam sua história, entre outros, menciono Artur Vianna e Carlos Rocque<sup>1</sup>. O primeiro historiador é um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e o segundo, jornalista que também escreveu sobre esta história.

Ir às fontes e vasculhar os fatos culturais, religiosos e históricos é uma busca pelas origens deste país e um caminho para entendermos a extensão e profundidade de nossa cultura popular. A diversidade cultural brasileira tem suas raízes na miscigenação dos europeus, indígenas, africanos. Uma conjugação de crenças e culturas, tradições e costumes formou nossas raízes e nossa matriz religiosa. A religião popular é um fato no Brasil. Não só um fato sociológico e histórico, mas também uma realidade espiritual. A cultura popular traduz a experiência de vida do povo – sua vida, suas dores, seus medos e suas esperanças. Demonstra os interesses, preocupações e valores das camadas populares. Encontramo-nos num período histórico e no interior de uma cultura que se satisfaz com o esfacelamento, o individualismo e o consumismo. Nos meios populares há mais sentido de solidariedade, colaboração e comunidade. O catolicismo popular é uma fonte singular para a compreensão de nossa cultura, história e mentalidade.

A história de Plácido confunde-se com a memória coletiva que, socialmente foi / vem sendo construída. Se há um desalinho entre as fontes escritas e as orais, quem nos garante a fidedignidade do registro escrito? Pierre Nora em seu artigo – O retorno do fato – faz um estudo sobre as metamorfoses do acontecimento e lembra que:

Na medida em que efetivamente o acontecimento se tornou intimamente ligado à sua expressão, sua significação intelectual, próximo de uma primeira forma de elaboração histórica, esvaziou-se a favor de suas

virtualidades emocionais. A realidade propõe, o imaginário dispõe. (Nora, 1995, p. 184).

Entre o fato acontecido e sua elaboração há acréscimos e mudanças. Os acontecimentos não são intocáveis, por isso as tradições são invadidas pela força inconsciente da criatividade. Forma de preservá-las, pois a transmissão oral lhe confere esta dimensão.

Se a tradição diz que se trata de uma devoção com raiz portuguesa, essa foi trazida pelos jesuítas, quando se instalaram no Pará por volta de 1653. Se a propagação do catolicismo teve nos jesuítas seu centro, através da devoção à Virgem de Nazaré, na tradição popular teve seus mistérios, encantos e (des)encontros. As tradições culturais e religiosas não são simplesmente transplantadas, pois cada transposição é sempre uma invenção. A devoção a Virgem de Nazaré tem na tradição popular sua força, pois está associada às promessas, milagres e peregrinações que envolvem os fiéis.

Em fevereiro de 1773, Dom João Evangelista Pereira da Silva oficializou a devoção a Virgem de Nazaré. Um ano depois a imagem foi restaurada e recebida com festa em Belém. Em 1790 foi organizado o primeiro Círio de Nazaré, envolvendo as pessoas da cidade e de outras regiões do Pará. Merece destaque a união estreita entre Estado e Igreja para a realização deste primeiro Círio, consolidando historicamente a parceria política e econômica, como registram historiadores e sociólogos<sup>2</sup>. O Círio de Nazaré não foi / é um acontecimento religioso em si, tem suas relações e implicações econômicas e políticas. O cortejo da procissão saía também do palácio do governo, tendo outra orientação somente em 1882, quando Dom Macedo Costa legisla a esse respeito. A partir desta data, a saída começa a ser sempre da catedral. Houve também mudanças com relação à data da festa, chegando a ser fixada para o segundo domingo de outro, entre 1902 e 1905.

A história do Círio de Nazaré está permeada de conflitos e problemas, envolvendo representantes da Igreja, da política e de vários setores sociais. Entre outros, merece destaque a “questão nazarena”, a “questão da corda”, a “questão da berlinda” e a “questão dos presos do Araguaia”<sup>3</sup>. Como afirma Marcel Mauss, “na realidade, tudo aquilo que é social é, ao mesmo tempo, simples e complexo” (Mauss., 2001, p. 230). Como se sabe a

cultura popular não é uma série de combinações estáticas, dadas de uma só vez, mas está em constante processo histórico de mudança, adaptações e reinvenção. A ação de recriar é um exercício coletivo que tem suas raízes na tradição histórica, com os fios herdados da memória. Outros aspectos merecem estudos mais específicos, o que não é o objetivo deste trabalho. As tradições religiosas populares não se exprimem somente em palavras, mas também em gestos e ações coletivas, nas representações rituais, nas andanças pelas casas, nas procissões, nas romarias. Muitas vezes, existe uma fronteira entre a linguagem verbal, aparentemente mais fácil de ser decodificada, e as linguagens simbólicas. São vários os tipos e as formas das expressões religiosas populares que sacralizam lugares, épocas e pessoas, como também são múltiplas as formas de participação.

## **Laços e enlaces do Círio de Nazaré**

O momento atual é bastante ambíguo, na esfera da religião católica. Qual o seu futuro, na geopolítica da fé? Qual o significado da festa popular numa sociedade moderna e urbana? As novas condições socioculturais abrem múltiplas perspectivas para o comportamento individual e coletivo. Essas mudanças repercutem na religião, pois suas manifestações não são independentes das relações sociais.

A realidade que nos circunda está em constante mudança. Essas mudanças refletem as descobertas que o homem faz e o dinamismo da vida contemporânea. Relevantes inovações invadem também o religioso. Percebe-se, ainda, uma particular corrida em busca do sagrado, do mistério. Muitas novidades, problemas e opções não deixam de balizar e questionar o popular. O momento atual é bastante ambíguo, na esfera da religião.

“Venho agradecer Nossa Senhora de Nazaré a graça de um emprego para meu filho em São Luís. Por isso, carrego a Carteira de Trabalho dele”, assim afirmou uma devota que acompanhava a procissão. Um rapaz de 20 anos acompanhava o cortejo descalço: “Venho cumprir a promessa, pois passei no vestibular. Para mim, Nossa Senhora de Nazaré me cobriu com seu manto”. As realizações dos pedidos e o cumprimento de promessas revelam a devoção popular, o respeito e humildade perante o sagrado. Neste sentido, podemos dialogar com Marcel Mauss que em seu

estudo sobre a dádiva, nas sociedades primitivas, elaborou uma teoria sobre o significado das trocas e sobre a força (*hau*) que permitia esses contratos (Cf. Mauss, 2003). A graça não é apenas recebida, mas também retribuída pela difusão da devoção e da força da santa. Assim, os fiéis têm um papel importante na construção desta devoção, de modo que há uma relação funcional entre o devoto e a santa. Este alinhamento é muito significativo no catolicismo popular, pois se trata de uma reprodução devocional, parafraseando Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron.

As pessoas seguiam o cortejo – crianças, jovens, homens e mulheres. A ruptura da rotina alterava a fisionomia daquele espaço. Mulheres, homens, jovens e crianças rezavam e cantavam. Um verdadeiro espetáculo cobria a cidade de Belém. Alguns santos eram reverenciados – Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. É a festa do povo com lembranças de alegria, esperança. É a festa na rua. É a festa do povo. São atores que carregam a história de uma geração, um povo e uma nação. A festa tem simultaneamente uma função social, pois permite aos atores e espectadores introjetar os valores e as normas da vida, como também partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários<sup>4</sup>.

O coração preserva saudades e sentimentos. O Círio de Nazaré faz fluir e refluir lembranças, faz do passado um presente – amigos se encontram, parentes contam antigas histórias e se abraçam. Na hora do almoço estão juntos. Dona Fátima lembrava: “Desde o tempo de minha avó, a gente senta junto e comemora a alegria deste encontro. A Virgem de Nazaré nos dá essa graça. Ela nos une”. No “ilhamento” do ser humano, multiplica personagens, quer ser o lugar de onde falam (e se ouvem) outras vozes e onde se dramatiza a cena presente para passar o tempo nos emaranhados laços de um no outro<sup>5</sup>. A festa (re)constrói modelos de humanidade, é uma troca de convivências. De acordo com Pierre Sanchis: “A festa é, sem dúvida, a única ocasião em que a comunidade experimenta um auto-domínio, um voltar a si própria para se articular livremente e assumir o seu ser e comportamento coletivos” (Sanchis, 1992, p. 318). Pôr em cena gestos, sabedorias, versos

e memória são formas de evocar o próprio mistério da vida. Há uma conjunção solidária entre passado e presente.

Os diversos depoimentos orais mostram como as pessoas chegam até ao sagrado. O devoto vê a proximidade da santa no cotidiano, na realidade. E isso é de importância fundamental, pois se torna uma resposta para este momento de sua vida. O importante não é somente o bem que foi feito, mas o fato de a pessoa saber que a Virgem de Nazaré está caminhando ao seu lado e que, por isso, pode-se contar com Ela. As marcas da oralidade põem em movimento as instituições, os diversos fenômenos, particularmente, os religiosos. Nem sempre as manifestações religiosas populares têm contornos fixos e definidos e isso é reforçado pela oralidade que as circunscrevem. A oralidade tem um caráter aditivo, pois traz o passado para o presente, mediante a memória e as incorporações que vão compondo as narrativas, através das experiências e dos sentimentos.

Vários clássicos do estudo das religiões sinalizaram os laços entre religião e festa, ou, se preferirmos, as estreitas ligações entre os ritos representativos religiosos e as recreações coletivas, com afirmação Durkheim: “A própria ideia de cerimônia religiosa, de alguma importância, desperta naturalmente a ideia de festa” (Durkheim, 1989, p. 456). Neste mesmo parágrafo, continua: “Toda festa apresenta características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos tem como efeito”:

- 1º) transgressão das normas sociais;
- 2º) coesão do grupo;
- 3º) produção de um estado de efervescência.

O catolicismo popular expressa uma trama ordenada de símbolos, o que faz com que sua prática seja real e possa, ainda, dinamizar a vida de muitos grupos. A invocação dos santos e a persistência de muitas representações religiosas têm uma referência simbólica. O campo religioso abre possibilidades de esperança. É preciso vencer. Abrir caminhos frente à inconstância, ao risco e à insegurança. Nesse sentido, é comum ouvir a seguinte expressão das pessoas: "Com Deus tudo dá certo. A festa do Círio dá vida aos paraenses, pois traz a bênção da Virgem até o próximo ano". As narrativas orais não separam o simbólico da prática social. As alegorias, mitos, crenças e símbolos são formas



# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

de compreender e entender o real. O sentimento religioso penetra esse universo, faz o arranjo dos fatos que se desdobram, num mundo de imagens e representações. As crenças, os valores coletivos, a tradição modelam as ações e apontam formas e modos de compreender o mundo. Na cultura brasileira, o simbólico, o fantástico e o mítico são respostas diferentes à fixação do real. As manifestações culturais e a vida povo estão ligadas ao desenvolvimento de seu pensamento e de sua capacidade, como também a sua capacidade de se adequar às transformações e aos desafios sociais, por um lado. Por outro, transita entre as fronteiras da magia e da religião. Em muitos casos, torna-se difícil separar um do outro, no entanto, ambos pertencem ao campo do sagrado. A história da maioria dos brasileiros é de um ser que está permanentemente diante de fronteiras. Este ser fronteiriço traz, com suas narrativas e imagens, um vasto material de investigação social e histórica, pois inverte o ritmo do cotidiano. O catolicismo implantado no Brasil “tropicalizou” verdades, credo e devoções, relacionando “colônia, culto e cultura”, segundo Alfredo Bosi<sup>6</sup>, e fizeram uma bricolagem no tecido dos valores e significados. Essa adaptação e esse “sincretismo” já nos acenam para o fato de que nenhuma religião existe em estado puro. Todas sofrem influências diversas. O mesmo ocorreu em suas origens na Península Ibérica. Os velhos autos peninsulares, os romances históricos, as novelas cavalheirescas, tanto em Portugal como na Espanha espelhavam suas influências nas tradições populares, nas cantigas populares. Isso demonstra que o catolicismo introduzido pelos portugueses tornou-se, desde os primórdios, um catolicismo híbrido, mesclado com as tradições e ritos indígenas e, ainda, com a cultura e as religiões trazidas pelos africanos.

Durante o cortejo da procissão é possível ver pessoas carregando maquetes de casa, igrejas, escadas e outros, ainda, com ferramentas de trabalho e outros objetos. Há várias categorias de troca nessa relação com o sagrado, sendo as mais evidentes os ex-votos, isto é, as promessas e o pagamento das mesmas.

Como um sistema simbólico, o imaginário religioso foi produzindo práticas sociais, culturais e históricas. Produção histórica que regulou normas comportamentos, papéis, atitudes, lugares e posições.



A imaginação humana permite a evasão para longe de suas preocupações cotidianas com o trabalho, a vida familiar e as outras questões ligadas à realidade dura e concreta da vida. A tradição cartesiana primou pela hegemonia das ideias claras e distintas, para que aquelas oriundas da ficção e da imaginação ficassem na sombra. No entanto, a realidade continuou povoada de crenças, imagens, mitos e símbolos. Os infindáveis sinais verdes da utopia continuaram a inscrever seus projetos, pois “tudo que é sólido desmancha no ar”. Todas as sociedades produzem seus sistemas de representação, seus arranjos. Legitima suas normas, seus valores e sua ordem, imaginando um real – ideal a ser vivido e transmitido.

A presença marcante da religião teve um significado forte na formação do povo brasileiro, por meio de festas, percepção do tempo e espaço e pelas representações simbólicas. A tradição religiosa não é um mero acervo histórico-cultural, mas sim expressão de vida. Neste quadro se situa a afirmação de Eduardo Hoornaert, pesquisador e estudioso da história do catolicismo popular brasileiro;

O povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o catolicismo popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu durante os quatrocentos e tantos anos de sua história. [...] No Brasil a religião constitui, juntamente com a língua portuguesa, "o cimento da unidade nacional" num país extremamente extenso. (Hoornaert, 1978, p. 99).

A religiosidade popular é uma forma para se conhecer a própria cultura como um todo. Reflete a ação das pessoas, particularmente das camadas populares. Está circunscrita no cotidiano, na repetição, nas contradições, nas permanências e singularidades. O catolicismo popular expressa uma trama ordenada de símbolos, o que faz com que sua prática seja real e possa, ainda, dinamizar a vida de diversas regiões e muitos grupos. Segundo Thales de Azevedo, o complexo católico é o primeiro caminho para a compreensão da linguagem religiosa do povo. Nos últimos anos, o crescimento de outras religiões está mudando esta predominância histórica, como confirmam os censos do IBGE, no entanto, muitos perseveram na tradição popular católica com o sincretismo e trânsito religioso.

Os depoimentos orais tiveram um significado importante para este trabalho. As marcas da oralidade põem em movimento suas instituições, os diversos fenômenos, particularmente, os religiosos. Nem sempre as manifestações religiosas populares têm contornos fixos e definidos e isso é reforçado pela oralidade que as circunscrevem.

A lição maior da celebração do Círio de Nazaré é revelar a possibilidade de o homem interpretar, criar e recriar sua cultura, conferindo-lhe significado. Nesta sociedade contemporânea, as manifestações populares continuam reinventando seus gestos e reavendo sua identidade, enquanto grupo. Forma de (re)construir sua identidade fragmentada. Forma de dialogar com os valores culturais e religiosos. O catolicismo popular é uma cultura em movimento. Não basta descrevê-la, é preciso ir mais longe, isto é, interpretá-la a partir de seus ritos, expressões e símbolos. Entender sua dimensão individual e coletiva. Historiar seu processo festivo é o desafio da memória.

Ensinar os passos, contar as histórias, salvar a memória. Aqui, tenho ritos de iniciação e transmissão. A dança incita o corpo e a memória. Aprendem sinais de sabedoria e hierarquia. Aprendem nas conversas, no cotidiano. Esta é uma questão para o pesquisador, o pastoralista – será que conhecemos realmente o estado real da consciência popular? Como a epígrafe deste texto adverte: “é necessário examinar pacientemente cada detalhe, meditar sobre seu significado”. O que analiso aqui é apenas um aspecto da festa do Círio de Nazaré. A expressão do povo, sua cultura e mentalidade, o que Johan Huizinga chamou de *homo ludens*, merecem mais estudos, pois são formas culturais pelas quais externa sua esperança, sua vida e seu espírito de comunidade. Há uma força espiritual enorme na vida religiosa do povo.

A festa do Círio de Nazaré compactua com o mistério, com o sagrado, numa “significância de comunhão” e “sem sair de sua linguagem imagística” como ilustra a epígrafe que abre este pequeno estudo. Caminho para uma construção coletiva, capaz de unir e dinamizar os grupos, as comunidades e as famílias. Convite para multiplicar e aprofundar relações.



## Referências

ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto** – um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados** 19 (54), 2005, pp. 315-332.

AZEVEDO, Josimar da Silva. **Círio de Nazaré: a festa da fé como comunhão solidária.** Uma análise teológica a partir da concepção de fé em Juan Luís Segundo. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teologia da FAJE. Belo Horizonte, 2008.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550 - 1800.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia.** 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 230.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naif, 2003, p. 183-314.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História – novos problemas.** 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, pp. 179-193.

PASSOS, Mauro. O catolicismo popular: o sagrado, a tradição e a festa. In: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida: significado e imagens.** Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade – corpo e alma do Brasil.** Porto Alegre: Medianiz, 2011.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo.** As romarias portuguesas. 2ª.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

## Entrevistas

Depoimento Oral concedido ao Professor Mauro Passos, em Belém do Pará, aos 09 de outubro de 2009.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

---

\*Doutor em Educação (UniversitáPontificia Salesiana, Roma/Itália), Professor e Pesquisador do Centro de Estudos da Religião “Pierre Sanchis” da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor convidado do Mestrado e Doutorado do Instituto Politécnico de Tomar (Portugal). E-mail: mauruspax@yahoo.com.br.

<sup>1</sup>Nas notas, cito as referências destes estudiosos sobre a história do Círio de Nazaré. Evidentemente que foram sendo acrescentadas lendas, tradições, pois além dos documentos, a tradição oral, com vários documentos compõem os dados sobre a origem desta tradição religiosa. A crença popular, o maravilhoso e o imaginário popular são elementos significativos nas tradições religiosas brasileiras.

<sup>2</sup> Merece destaque a tese de doutorado de AZEVEDO, Josimar da Silva. **Círio de Nazaré** – a festa da fé como comunhão solidária. Uma análise teológica a partir da concepção de fé de Juan Luís Segundo. Faculdade Jesuíta de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia, Belo Horizonte, 2008.

<sup>3</sup> Cf. AZEVEDO, 2008, pp. 110-141.

<sup>4</sup> Cf. DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 10-11.

<sup>5</sup> Cf. PEREZ, 2011. Essa autora desenvolve ainda o sentido do conceito de “sociação”, processo que se dá na vida social e denota o dinamismo dos indivíduos e grupos.

<sup>6</sup> BOSI, 1999, pp. 11-63.